

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS MOVIMENTOS DE JUVENTUDE NO BRASIL: SUAS LUTAS E DESAFIOS

Yasmin Caroline Lima MARQUES¹
Andreia Cristina da Silva ALMEIDA²

RESUMO: Este artigo teve como objetivo principal tratar a respeito do papel dos movimentos de Juventude no Brasil, descrevendo seus aspectos históricos, suas reivindicações, suas conquistas e seus malogros. Posteriormente tratará das pretensões atuais dos jovens, apresentando seus atores e ideologias recentes. Os jovens estiveram em grandes momentos da história do país, modificando-a de acordo com seus anseios e expectativas de direitos. Os avanços que permeiam a democracia presente no país perpassaram em algum momento pelas reivindicações e lutas em que estavam diversas vezes os jovens revolucionários. A classe trabalhadora se articula e propicia os arranjos e rearranjos dos movimentos sociais, cada um com sua particularidade – a partir do pós-modernismo – porém, um só é o foco: a efetivação de direitos. A metodologia utilizada foi o materialismo histórico dialético.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, Ditadura Militar, Reorganização, Capitalismo, Educação, Repressão.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo enfocou na trajetória dos movimentos sociais de juventude no Brasil e sua importância para o Serviço Social. Em específico, o movimento de juventude como um movimento social não sectário, mas abrangente com questões para além das expressões da questão social vivenciadas neste público, ou seja, se preocupando com assuntos vivenciados por toda a classe trabalhadora.

¹ Discente do 6º termo do curso de Serviço Social do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente – SP. E-mail: yasmin_lima.marques@hotmail.com

² Docente da disciplina Classes e Movimentos Sociais no Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente- SP. Graduado em Serviço Social pelo Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente- SP. Mestre em Serviço Social e Política Social pela Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

As expressões vivenciadas ao longo da história foram à repressão e a omissão de um Estado no que tange sua função de provedor de direitos. Entendemos que as garantias hoje existentes foram conquistadas por meio de manifestações e lutas as quais os jovens sempre estiveram presentes, seja no chão da fábrica na década de 30, até as ocupações nas escolas estaduais em São Paulo contra a reorganização proposta pelo executivo estadual.

As questões principais a serem tratadas neste artigo serão: Qual a importância da Juventude na história? Quais foram às reivindicações historicamente realizadas e as atuais? Qual o papel dos jovens dentro da classe trabalhadora? E finalizando com a intenção por trás de cada exigência?

O tema e suas problemáticas são de grande relevância uma vez que historicamente os jovens são retratados como ativos, guerreiros, empenhados, militantes e animados. Entretanto, há no senso comum, uma visão do jovem como indiferente, acomodado e até mesmo daquele que é desinteressado pela mobilização política.

Outra grande importância do tema é a visibilidade que este público vem ganhando desde a jornada de Junho/2013 (que será tratada neste trabalho) e das ocupações nas escolas estaduais de São Paulo.

Este artigo terá como objetivo comprovar a relevância da atuação juvenil nas principais lutas pela democracia, contra a repressão e na exigência de que sejam efetivados os seus direitos já positivados.

A divisão na composição deste material teve início com o conceito de classes e movimentos sociais, desde a divisão por renda, perpassando pelo conceito etimológico até o conceito Marxista, posteriormente discorrerá também sobre os principais momentos aonde os jovens se fizeram presente a partir do início da República. E findando constatando a necessidade de capacitarmos o jovem para tornar-se vanguarda de uma nova sociedade.

A metodologia utilizada constitui-se na pesquisa documental. Por fim, realizou-se uma investigação de acordo com o materialismo histórico dialético.

2. CLASSES E MOVIMENTOS SOCIAIS

Entende-se como classe social, um determinado grupo de indivíduos com características e interesses em comum, e diversas reflexões ocorreram ao longo da história. Mas quando se trata uma divisão social ou um grupo, apenas como classe social, acaba-se perdendo a compreensão real da chamada classe social, pois torna-se apenas uma divisão entre ricos e pobres, ou entre classe dominante e dominada.

Se analisarmos a história, veremos que em todos os tipos de sociedade, existe a divisão social, seja ela por poder aquisitivo, ou até mesmo por poder religioso. Elas podem ser classificadas de várias formas, como por exemplo, a divisão em castas, onde não havia possibilidade de mobilidade social, e essa ocorria devido à raça, cultura ou religião. Muito presente na Índia, esse tipo de divisão social, classifica como “impuros” os indivíduos que são operários ou camponeses.

Podem também ser classificadas de acordo com o status e esse tipo de divisão era típica das sociedades feudais da idade média. Nesse caso, a divisão era caracterizada pelas diferenças nas leis e pelos privilégios designados a cada grupo, e com isso se instalava a desigualdade nas condições. Outra forma de divisão são as chamadas classes, que, diferente das castas ou do status, são formadas por grupos independentemente da hierarquia, privilégios ou leis.

O conceito de classes existia antes mesmo dos ideais marxistas. Saint-Simon classificava a sociedade em classe ociosa e classe industrial. Para Adam Smith as classes eram baseadas de acordo com sua função econômica, ou seja, agrária, industrial ou assalariada. Já para Weber, as diferenças sociais existem devido a três fatores, são eles a riqueza, o prestígio e o poder. Tratando-se da riqueza, ele divide a sociedade entre, os que possuem bens (sejam eles fábricas, terra, máquinas) e esses são chamados proprietários, e os que não possuem bem algum, chamado de não proprietários.

Para ele, a definição da sociedade, ocorre devido aos bens que o indivíduo possui, ou seja, a classe é formada por indivíduos que possuem a mesma condição no mercado. Essa concepção de Weber generaliza a situação e considera que os indivíduos são ricos (se possuem bens) ou pobres (se não possuem bens),

simplesmente. Contrapondo os ideais de Weber, Marx considera que as classes são divididas de forma diversificada, e o estudo sobre elas é mais complexo do que aparenta.

Apesar de não terem se dedicado à elaboração de um estudo sobre classe trabalhadora, ou classes sociais, não tem como negar que a teoria que mais se destaca em relação a esse tema, vem dos autores Marx e Engels, que utilizam a teoria de que existem duas classes: os capitalistas, que querem seu desenvolvimento econômico e com isso a acumulação de capital e o proletariado, que luta pela sua emancipação social e econômica. Mas apesar da teoria dos autores citados acima serem as que mais se destacam, eles não foram os pioneiros a estudar sobre o assunto, segundo o próprio Marx:

(...) Quanto a mim, não me cabe o mérito de haver descoberto a existência das classes sociais na sociedade moderna nem a luta entre elas. Muito antes de mim, alguns historiadores burgueses já haviam exposto o desenvolvimento histórico desta luta de classes e alguns economistas a anatomia destas classes. O que eu trouxe de novo foi demonstrar: 1) que existência de classes só está unida a determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura não é, de per si, mais que o trânsito para a abolição de todas as classes e para uma sociedade sem classes. [grifos no original] (MARX apud HARNECKER, 1983: 156)

A luta de classes é considerada por Marx e Engels, o motor da história, está inteiramente ligado ao conceito do modo de produção e acumulação do capital e os autores utilizam-se do termo conhecido como luta de classes para mostrar a existência de duas classes antagônicas, que lutam por interesses distintos:

A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se, porém, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade está se dividindo, cada vez mais, em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado. (MARX; ENGELS, 1998)

Devido à contradição entre a burguesia (detentores dos meios de produção) e o proletariado (aqueles que têm somente a força de trabalho como mercadoria), ocorrem lutas por direitos e também os chamados movimentos sociais, cuja ação coletiva de um grupo organizado que tem como objetivo alcançar mudanças sociais por meio do embate político, dentro de uma determinada sociedade e de um contexto específico e entre esses movimentos, estão os movimentos populares, sindicais, entre outros.

Os movimentos sociais, como ditos anteriormente, têm como bases teóricas a ideologia marxista, que influenciou diretamente a análise tradicional tida até o momento.

Segundo Marx, para compreendermos os movimentos sociais, estes não poderiam ser analisados apenas com um estudo sobre o coletivo, mas necessitava de um estudo sobre o movimento social concreto, e só após essa compreensão, haveria a transformação nas relações existentes na sociedade.

3. MOVIMENTOS DE JUVENTUDE NO BRASIL

No decorrer da história, a participação dos jovens em movimentos sociais era desvalorizado, a voz dos jovens foi por muito tempo isolado por uma sociedade conservadora, que em sua maioria considerava o jovem imaturo, ignorante. No entanto partir do século XX, esse cenário começou a sofrer mudanças consideráveis. A partir da década de 1960 o papel do jovem passa a ter outra postura devido às intensas manifestações culturais e políticas.

3.1. Resistência à Ditadura: Abaixo À Repressão!

A Ditadura Militar ocorreu a partir do ano de 1964 com o Golpe de Estado sobre o atual presidente João Goulart, quando os militares com o apoio de parcelas da população, assumiram o poder com a promessa de intervenção breve, somente para evitar uma “ditadura comunista”. Regime de governo de caráter totalmente autoritário que durou 21 (vinte e um) anos. Possuía um teor nacionalista,

desenvolvimentista e opunha-se a todo e qualquer movimento de esquerda. Aqueles considerados subversivos eram presos, torturados, mortos e na melhor das hipóteses exilados.

O golpe mais duro a democracia foi o Ato Institucional 5 (AI-5) por garantir poderes quase absolutos ao Regime Militar. Redigido pelo ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva, o AI-5 entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968.

Nesse contexto repressivo, ganha força política a União Nacional dos Estudantes (UNE), nascida na década de 30 e que teve papel fundamental na luta em resistência à Ditadura Civil-Militar:

A intensa participação dos estudantes na vida política nacional, durante a fase do populismo, levou a redefinição de sua principal entidade, a UNE – União Nacional dos Estudantes -, para se tornar o palco de intensas disputas políticas internas entre as alas de esquerda e as alas ligadas à democracia cristã, estimuladoras da JUC e da JOC. Os estudantes realizaram grandes manifestações e estiveram presentes nas campanhas nacionalistas. (GOHN, 2001, p.99)

Embora a UNE tenha sido fundada em 1937 e em 1940 já se manifestava em prol da Campanha “O Petróleo é Nosso”, lutou contra a tirania ditatorial, e teve sua sede localizada no Rio de Janeiro queimada. Um estudante foi morto pela polícia Militar numa manifestação no Rio de Janeiro. Boris Fausto afirma que “O catalisador das manifestações de rua foi a morte de um estudante”. (FAUSTO, 2001, p. 264). A partir daí, a UNE começa a combates mesmo na clandestinidade de modo incisivo a Ditadura.

Outra grande contribuição da UNE foi na campanha das “Diretas Já!”. Essa campanha teve início pelo motivo das eleições presidenciais desde o Golpe militar ser realizadas por indicações do Congresso Nacional, ou seja, por modo indireto.

A Emenda de Dante de Oliveira do PMDB-MT tramitava a passos lentos, ficou conhecida como “Emenda Dante”, mas tinha total apelo popular. Então em abril de 1984 um milhão de pessoas lotou a Cinelândia no Rio de Janeiro bradando pelas

“Eleições Diretas”. O clamor do povo ecoava e ficava cada vez mais forte, então o atual presidente sancionou, embora validando para o segundo mandato posterior. A eleição de 1989 contou com 22 (vinte e dois) candidatos a presidência da República, considerado um recorde. O presidente eleito foi Fernando Collor de Melo.

Depois de três anos, os jovens coordenados pela UNE saíram às ruas com os rostos pintados, a favor do Impeachment do então presidente Fernando Collor, que estava sendo denunciado por corrupção e por isso ficaram conhecidos como “Os Caras pintadas”.

Talvez no futuro a História venha a registrar este movimento como o maior movimento ocorrido no Brasil no século XX, ou até mesmo na História do país. Milhares de pessoas se mobilizaram e compareceram às passeatas e aos comícios organizados por comissões suprapartidárias, objetivando restabelecer a democracia no país por meio de Eleições diretas para a Presidente da República. O movimento começou tímido em São Paulo, mas rapidamente alcançou dimensões monstruosas – levando-se em conta o número de pessoas que compareciam às manifestações (GOHN, 2001, p.133)

A UNE contribuiu muito historicamente com a juventude, e ainda contribui com reivindicações voltadas ao maior investimento do Estado na Educação. Atualmente, a UNE está organizada de tal forma, Diretórios Acadêmicos (D.A.), Centros Acadêmicos (C.A.) e possuem suas eleições nos Congressos como o Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes (CONUNE).

3.2. Jornadas de Junho/2013 e a Reorganização Escolar

As chamadas Jornadas de Junho/2013 deram início a um novo período no país. O estopim para a ida as ruas foi o Aumento de R\$ 0,20 centavos nas tarifas das passagens de ônibus na Capital de São Paulo, aprovado pelo prefeito Haddad

com o apoio do governador Geraldo Alckmin, foi considerado como mais uma forma de enriquecer os donos das empresas de ônibus.

O MPL (Movimento do passe livre) é um movimento anti-capitalista, sem interesses no tema da mobilidade urbana, foi este movimento que impulsionou as manifestações. Que não tem reivindicações genéricas como, por exemplo, a revolução, mas questiona e traz a público a ruína do sistema, como um sistema que é exclusivo e não garante o mínimo para a população.

A partir do dia 19 de junho de 2013 o poder público voltou atrás em relação ao aumento das tarifas. Entretanto, o povo já estava nas ruas, com várias palavras de ordem e com pautas diferenciadas umas das outras. Estavam presentes os Blackblocks, os anarquistas, a direita política, partidos políticos, movimentos sociais e até mesmo pessoas que não se identificavam com nenhuma causa. O que tornou uma manifestação segmentada e dispersa.

Ainda sim, era possível notar a reivindicação em prol da saúde, da educação, da mobilidade urbana, contra a PEC 37, contra a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de 2014, rechaçando a repressão sofrida durante as manifestações do MPL, e a grande mídia. Mídia esta que num primeiro momento, apoiavam a repressão e difundiam a ideia de vandalismo e criminalidade do movimento.

Nasceu então uma nova campanha: “Público, Gratuito e para todos: Transporte, Saúde e Educação! Abaixo à repressão!”. No Editorial do Jornal Foice e Martelo diz isso no Manifesto da Liberdade e Luta³:

Uma campanha nascida das Jornadas de Junho de 2013, que traz como um de seus principais eixos a luta contra a repressão, contra a criminalização dos movimentos sociais, por liberdade de expressão e de manifestação; que levanta as bandeiras do passe livre estudantil e tarifa zero em todo o transporte público, saúde pública e gratuita para todos, educação pública e gratuita para todos em todos os níveis. Para isso, defendemos o fim do pagamento da dívida pública brasileira, interna e externa, o que disponibilizaria mais de R\$ 1 trilhão por ano para suprir essas demandas. (EDITORIAL, p.5, 2016)

³ Nova organização de Juventude que surgiu no Acampamento Revolucionário que ocorreu na data de 28 a 31 de janeiro de 2016.

Cessou então a reivindicação somente da redução da tarifa, o povo se mobilizou e agora exigia muito mais, bradava pelos seus direitos e garantias que estavam positivados, mas mesmo assim, não eram cumpridos por um Estado que é posto como provedor, mas na verdade preza pela mínima intervenção, sendo essas em casos realmente extremos. Dessa campanha surgiu o Acampamento Revolucionário e deste a Liberdade e Luta, uma nova organização de Juventude que tem como finalidade de reunir a juventude como liderança e vanguarda para a construção de uma nova sociedade.

Seguindo as palavras de Lênin no seu discurso no Terceiro Congresso das Juventudes Comunistas:

Camaradas: desejaria conversar hoje com vocês sobre as tarefas fundamentais da União das Juventudes Comunistas e, a partir disso, sobre o que devem ser, em geral, as organizações da juventude em uma República Socialista.

Esse problema merece nossa atenção, pois pode-se dizer, em certo sentido, que é justamente a juventude a incumbida da verdadeira tarefa de criar a sociedade comunista. Porque é evidente que a geração de militantes educada na sociedade capitalista pode, na melhor hipótese, cumprir a tarefa de destruir as bases da velha vida capitalista baseada na exploração. (LENIN, 2015)

Esta campanha também influenciou outro momento marcante na história da Juventude Paulista, que foram as ocupações das escolas em resposta a reorganização proposta pelo Estado. Primeiramente, é necessário explanar sobre o que realmente é a reorganização e o motivo de ter sido rechaçada pelos alunos. Segundo o governador do Estado de São Paulo e o chefe do gabinete da Secretaria de Educação Fernando Padula, foi realizada uma pesquisa pelo IDESP - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, que mostrou que as unidades de ensino que atendem a uma única faixa etária, possuem melhores desempenhos. Então, o projeto era unificar as faixas etárias em cada instituição. Conforme disposto na página virtual do Estado de São Paulo:

Com a divisão das escolas por ciclo, algumas unidades terão apenas alunos de 6 a 10 anos; outras receberão os adolescentes de 11 a 14 anos; outras serão exclusivas para jovens entre 15 e 17 anos. (SÃO PAULO, 2016)

Entretanto, não foi bem vista pelos estudantes, que diziam não terem sido consultados sobre uma alteração de instituição que iria resultar em demissões de funcionários e remanejamento de alunos. Caio Dezorzi em sua matéria para o jornal Foice e Martelo detalha o motivo da repulsa dos secundaristas a reorganização:

De lá pra cá, já foram ocupadas mais de 200 escolas contra o plano do Governo Alckmin, chamado de “Reorganização Escolar”, que na verdade é um plano de cortes que visa tirar R\$ 2 bilhões do orçamento da Educação do estado de SP para 2016, fechando 94 escolas, além de fechar turnos, remanejando ciclos em outras centenas de unidades, levando a mais superlotação das salas de aulas e demissão de milhares de professores e funcionários. (DEZORZI, p.8, 2015).

Após a ocupação de 220 escolas, combatida com repressão por meio da Polícia Militar, o governador retrocedeu com a iniciativa, houve uma alteração na Secretaria da Educação e possibilitaram além da resistência o debate sobre a capacidade de organização popular, a partir do prisma que secundaristas conseguiram fazer com que o governador recuasse na sua proposta.

3.3. Levante Popular da Juventude

Entre os dias 1 e 5 de Fevereiro de 2012, em Santa Cruz no Rio Grande do Sul nasceu uma organização apartidária de juventude denominada “Levante Popular da Juventude”, estavam presentes vários estados e até mesmo estrangeiros. Foi gerada com duas principais ideias iniciais, construir um poder popular (frase constantemente dita pelos seus integrantes) e a democratização da

mídia, contra os grandes monopólios e denunciando a grande influência das redes de comunicação.

É visível nas manifestações que esta juventude realiza a articulação que esta organização faz com os sindicatos, as juventudes rurais e da periferia e os trabalhadores do campo. Incluindo na sua pauta de atuação os seus protestos, seus anseios e problemáticas. Sua intencionalidade está em reformular as bases da velha esquerda, lançando um olhar mais abrangente a toda a juventude da classe trabalhadora e recuperar o trabalho de base.

Na região de Presidente Prudente, existem alguns núcleos desse coletivo na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, que se reúnem semanalmente. O Levante esteve presente em várias pautas - além das suas regulares - aqui na região desde que foi instituído na cidade. Elucidaremos as principais ações realizadas: Participação na Manifestação do Grito dos Excluídos 2015, I Conferência Livre LGBT 2015, I Conferência Regional LGBT 2015, Intervenções no Campus da UNESP, Diversas formações, Lançamento da Frente Brasil Popular, II Conferência de Políticas Públicas para as Mulheres, Mobilização Nacional contra a Redução da Maioridade Penal, Greve dos Professores da Rede Estadual, Greve no Campus da UNESP, entre outras intervenções.

Além das ações regionais, o Levante realiza a nível nacional o que denominam como “Escrachos”, que são atos para denunciar e atrair visibilidade para alguma causa que considerem importantes, como por exemplo, denunciar extorturadores da Ditadura Militar, parlamentares que vão contra os anseios populares, etc.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num país onde direitos positivados não são efetivados, vemos que está cada vez mais alta a voz dos jovens e que para fazer valer tais direitos vão às ruas, fazem manifestações e gritam mais alto para possam serem ouvidos.

Vimos nesse artigo que historicamente as reivindicações se baseiam em lutas de classes, onde o estopim é o descaso de um Estado omissivo e que favorece o sistema capitalista que é um sistema em ruínas.

Os jovens estão se articulando, se organizando indo às ruas em busca da liberdade, não a que exclui que pode ser tão danosa, mas a dignidade humana, a que nos iguala.

O papel do jovem dentro da classe trabalhadora hoje é de agentes sinalizadores comportamentais. Jovens resistentes, que não aceitam serem representados por parlamentares que usam o poder para satisfazer seus interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEZORZI, Caio. **Mais de 200 escolas ocupadas colocam Alckmin na parede.** Foice e Martelo, São Paulo, 03 de Dezembro de 2015. Número 83, página 8.

EDITORIAL. **Nasce uma organização revolucionária de jovens.** Foice e Martelo, São Paulo, 23 de Fevereiro de 2016. Número 84, página 5.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 11. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado. 2001

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais: A construção da Cidadania dos Brasileiros.** São Paulo: Loyola, 2001.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico.** São Paulo: Global Editora, 1983

JUNHO ABALOU O BRASIL. Direção: João Wainer. Tv Folha, 2014. (1h11min).

LENIN, Vladimir Ilitch 2015. **As tarefas revolucionárias da Juventude** Tradução e Revisão. CORBISIER, Ana; STEDILE, Miguel Henrique; FILHO, Geraldo M. A. São Paulo, 1ª Edição, Expressão Popular.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista** .2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social.** São Paulo: Cortez, 2010.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. 2016. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/reorganizacao/>>